

OS MOVIMENTOS JUVENIS E O MAIO DE 1968 NA FRANÇA

André de Melo Santos¹

Atualmente as grandes ondas de protesto que ocorrem no Brasil possuem, em sua composição, uma grande maioria de jovens e estudantes. Estes estudantes buscam melhorias relacionadas as questões estudantis, como passe-livre, mais verbas para o ensino público, etc. Também essas manifestações extrapolam a questão estudantil e avançam para problemas da sociedade e avançam para uma contestação do modo de vida na sociedade capitalista.

Os movimentos juvenis nos anos de 1960 iniciaram no meio estudantil, questionando o autoritarismo no meio acadêmico e entre outras questões (GROPPO, 2006). Revoltas ocorreram em todos os países capitalistas, Alemanha, Itália, Bélgica, Inglaterra, e Estados Unidos da América com um sintoma de insatisfação em relação ao conservadorismo das Universidades e a falta de emprego, demonstrando que a crise extrapolava a questão estudantil. A crise do regime de acumulação² se juntava a questões como a oposição a guerra do Vietnã e questão dos direitos civis nos EUA, refletiam na Europa onde uma juventude revoltava-se contra a forma de socialização na sociedade capitalista. Destes vários movimentos, dois merecem a nosso ver um destaque: o maio de 1968 na França e, a contracultura, que surgiu nos EUA e se espalhou por todo o mundo.

Juventude e Universidade

Ao se pensar na juventude no contexto do regime extensivo-intensivo é inevitável falar que foi ativo em movimentos contestatórios da sociedade capitalista. Diferentemente da juventude nazista, que era uma marionete do partido, nos anos 1960 a juventude teve um papel ativo, questionando o papel do estudante, da Universidade na sociedade capitalista. Segundo A Internacional Situacionista (2002):

A miséria do estudante está aquém da miséria da sociedade do espetáculo, da nova miséria do novo proletariado. Numa época em que uma parcela crescente

¹ Graduado em História pela UFG. Especialista em Ciência Política pela UEG. Mestre e doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG.

² Por regime de acumulação entendemos um determinado estágio do desenvolvimento capitalista. Segundo Viana (2009) um regime de acumulação é caracterizado por uma determinada forma de organização do trabalho, uma forma estatal e uma forma de exploração internacional.

da juventude está se liberando, cada vez mais depressa, fazer parte do mercado, o estudante se mantém, em todos os níveis, numa “menoridade prolongada”, irresponsável e dócil 32.

Dentro das universidades, encamparam projetos que criticavam a moral burguesa, os tabus e os preconceitos desta sociedade. Por fim, a juventude foi o principal grupo social do movimento que abalou as estruturas da sociedade, o maio de 68.

Diante deste fato algumas questões nos são colocadas: que mudança ocorreu na sociedade que proporcionou à juventude este papel ativo nos movimentos sociais, algo que não ocorrera anteriormente? Como a juventude iniciou manifestações que contagiaram as sociedades em crise dos países centrais, um papel que na sociedade capitalista é destinada historicamente a classe operária.

Estas questões remetem ao fato de que entre as várias garantias sociais que o Estado Integracionista continha em seu discurso, estava a garantia do ensino público gratuito, o que proporcionou o acesso à universidade de jovens oriundos da classe operária. Isso proporcionou uma possibilidade de estes terem mais acesso à universidade, num momento que estas segundo Groppo (2006) enfrentavam uma crise de identidade, pois essa se tinha estabelecido:

Com a pretensão de ser o locus autônomo de produção do saber universal atinge a célebre formulação de Karl Jaspers, que afirmou em 1946 que a universidade é o lugar onde por concessão do Estado e da sociedade uma determinada época pode cultivar a mais lúcida consciência de si própria. Os seus membros congregam-se nela com o único objetivo de procurar, incondicionalmente, a verdade e apenas por amor a verdade. Decorre dessa formulação que a investigação é o objetivo principal da universidade, esta deve ser o centro de cultura (e não só da ciência) e também deve ensinar a verdade buscada. (GROPPO, 2006, p.14)

Decorre que esta visão de universidade é extremamente elitista, afinal desde que foram criadas as universidades se destinavam a formação de indivíduos oriundos das classes mais privilegiadas, um local de produção de alta cultura e obediência às regras, entraria em crise com o processo de massificação ocorrido após a Segunda Guerra Mundial (GROPPO, 2006).

A massificação colocava a universidade a serviço de formar força de trabalho qualificada para o trabalho industrial, algo que difere do objetivo descrito acima, condicionando-a à necessidade do capital. Diante dessa nova realidade, ou seja, do aumento do número de estudantes vindos da classe trabalhadora, existe uma

hierarquização das oportunidades. Aos jovens da classe trabalhadora é dificultado o acesso a cursos que tem uma possibilidade melhor de renumeração e conseqüentemente de ascensão social.

Junto com isso vem o fato da universidade tradicional ser organizada de forma burocrática e pouco democrática. Um dos questionamentos que os jovens faziam dentro da universidade era o fato de não participarem das decisões que lhes diziam respeito. Em Berkeley e na França este foi o estopim dos movimentos estudantis. Segundo Groppo:

Toda reforma só poderia realizar-se em escala nacional e de cima para baixo, cujo único resultado garantido era o reforço do centralismo, uniformidade e burocratismo do sistema. A única alternativa, a única que poderia garantir uma verdadeira reforma, foi a que efetivamente se deu na França: a pressão de um movimento estudantil de caráter radical, o maio de 1968. (2006, p.45)

Porém estes movimentos que iniciaram na universidade tiveram um impacto maior na sociedade, pois neste período vivia-se (Groppo, 2005) um clima geral de mal-estar, segundo estes causados pelo contexto geral da guerra fria.

O clima de mal-estar não pode ser explicado apenas pela questão da guerra fria. Embora a guerra fria tenha causado ameaças, como no caso da crise dos mísseis que quase levou o mundo a uma guerra nuclear (HOSBAWM, 1998). Ou as próprias guerras de procuração, como foram denominadas as ações de ambos os lados com o objetivo de aumentar sua zona de influência. Como no caso da guerra do Vietnã que gerou protestos dentro dos EUA e fora contra a intervenção da potência no país asiático. O que ocorre, segundo Viana (2009), é que a força dos EUA é baseada no seu aparato militar e este, para se manter, precisa estar constantemente em ação. Basta ver quantos conflitos os EUA se envolveram direta ou indiretamente para constatar esta tese.

Acreditamos que o mal-estar era devido à crise do regime de acumulação intensivo-extensivo, crise provocada pela queda da taxa de lucro médio e que impõe reformas a sociedade capitalista para a sua manutenção. Também é um momento de crise que abre espaço para questionamentos de toda ordem.

Nos EUA a crise do regime de acumulação soma-se os questionamentos em relação aos direitos civis, ligados diretamente à questão racial, que suscitava revolta da população negra e a participação do país na Guerra do Vietnã. Estes eventos fizeram com que as revoltas eclodissem por todo o país. Já na Europa, a crise do regime de acumulação soma-

se a também protestos contra a Guerra, mas devido à tradição de movimentos de esquerda existente no continente, ao contrário dos EUA, os movimentos tiveram a adesão da classe operária e uma transformação social era algo em pauta.

Neste contexto vemos que a crise que gerava o mal-estar, recusa do trabalho alienado e da vida adulta em geral, foram se avolumando junto com as mudanças sociais provocadas pela crise do regime de acumulação. Não podemos esquecer o papel que a Internacional Situacionista teve influenciando os estudantes na França (IS, 2002) um panfleto intitulado “A Miséria do Movimento Estudantil” de 1967, teve repercussões na França e até nos EUA, onde estudantes distribuíram este panfleto em Berkeley e suas críticas extrapolaram o meio acadêmico.

Segundo o panfleto, pode-se dizer, sem grandes riscos de errar, que o estudante na França é depois do policial e do padre, o ser mais universalmente desprezado (IS, p.30). A crítica dos situacionistas se volta contra a sociedade do espetáculo, como eles denominam o capitalismo no pós Segunda Guerra Mundial. Uma sociedade consumista e alienada, onde se fazia necessária uma crítica das ciências sociais, da economia política, crítica dos partidos e sindicatos, da vida cotidiana e retomava a discussão de Marx sobre a autogestão. Segundo a Internacional Situacionista:

A instalação da reificação no espetáculo, sob o capitalismo moderno, impõe um papel a cada um dentro da passividade generalizada. O estudante não poder fugir a essa regra. Ele desempenha um papel provisório, que o prepara para o papel definitivo que irá assumir, como elemento positivo e conservador, dentro do funcionamento do sistema mercantil. (2002, p.32)

Assim como Lapassade (1974), a Internacional Situacionista identifica que a crise é o reflexo na universidade de uma sociedade alienada em que a forma mercadoria toma conta das relações sociais em geral; o homem se torna um meio e não um fim. E quem deveria fazer a crítica dessa realidade, estava incorporado ao sistema, tal como os partidos e os sindicatos.

Quanto à universidade, sua crise devia a seu ensino mecânico que tinha como objetivo formar indivíduos que seriam pequenos funcionários que, munidos de um conhecimento técnico, estariam aptos a serem engrenagens do sistema. Segundo a Internacional Situacionista:

A famosa crise da universidade, mero detalhe da crise mais geral do capitalismo moderno, permanece objeto do um diálogo de surdos entre especialistas. Ela

traduz simplesmente as dificuldades de um ajuste tardio desse setor especial da produção a uma transformação global do aparelho produtivo. Os resíduos da velha ideologia da universidade liberal burguesa se banalizaram no momento em que a sua base social desaparece. A universidade conseguiu julgar-se uma potência autônoma na época do capitalismo de livre troca e de seu Estado liberal, que lhe concedia uma certa liberdade marginal. Na realidade, ela dependia essencialmente das necessidades desse tipo de sociedade: fornecer cultura geral apropriada à maioria privilegiada que nela estudava antes de se integrar às fileiras da classe dirigente, da qual havia se ausentado por apenas um breve momento. (2002, p.35)

Ocorre que na universidade também reflete o momento em que os países centrais passavam, crise do regime de acumulação e, em decorrência desta crise, tem a ascensão dos movimentos sociais. No caso da universidade, a sua expansão tinha aberto possibilidades aos jovens da classe operária ter acesso ao ensino superior. Contudo, isso não era mais garantia de ascensão social, muito menos garantia de uma perspectiva de vida melhor do que seus pais tiveram. A crise da universidade foi marcada por diversos movimentos que eclodiram nos anos de 1960 que tiveram no maio de 1968 na França o momento de maior contestação.

Maio de 1968 na França

Nos anos 1960 eclodiram movimentos contestatórios em vários países, da Europa Ocidental, passando pelos Estados Unidos da América e chegando à América Latina. Desta forma, vamos analisar o movimento que teve o maior destaque, o maio de 1968 na França. Não desprezando a importância e a radicalidade de movimentos que ocorreram em outros países, o maio de 1968 nas palavras de Groppo (2001) serve como uma síntese do que ela denomina onda mundial de revoltas. Segundo Solidarity:

Este foi sem dúvida o maior levantamento revolucionário na Europa Ocidental desde a Comuna de Paris. Centenas de milhares de estudantes travaram batalhas intensas com a polícia. Nove milhões de trabalhadores entraram em greve. A bandeira vermelha da revolta tremulou sobre fábricas ocupadas, universidades, canteiros de obras, estaleiros, escolas primárias e secundárias, entradas de minas, estações ferroviárias, lojas de departamento... Praticamente todos os setores da sociedade francesa se envolveram de alguma forma. (2008, p.73)

Então este movimento, além da participação de jovens e estudantes, também teve a participação da classe operária, embora os sindicatos e partidos de esquerda fossem inicialmente contra as manifestações (SOLIDITARY, 2008). Quando os estudantes marcharam rumo às fábricas, como no caso da Renault na França, tornou-se inevitável o

encontro dos trabalhadores e estudantes, restando aos sindicatos tentarem controlar os trabalhadores através de panfletos, muitas vezes mentirosos, com o intuito de criar uma cisão entre os estudantes e os operários.

Inserido no conjunto das revoltas estudantis que ocorreram no período, o maio de 68 na França teve como antecedente o fato da população universitária aumentar consideravelmente, passando de 207 mil estudantes em 1956 para 505 mil em 1967 (GOPPO, 2001), com isso a crise da universidade que mantinha uma estrutura autoritária e com a crise do regime de acumulação intensivo-extensivo que se configura neste período (VIANA, 2009) se colocavam os elementos que combinados tiveram como resultado o movimento.

Um grupo, denominado depois *de 22 de março*, seria considerado o estopim da revolta (GROPPO, 2001). Surgido em Nanterre, na periferia de Paris, era um grupo que congregava originalmente anarquistas e outras correntes de esquerda que se denominavam independentes, como uma figura que se destacou no movimento como uma das figuras mais proeminentes dos protestos, Daniel Cohn-Bendit.

O movimento faz alusão à data em que estudantes do grupo de Cohn-Bendit que pregavam cartazes e foram presos pela polícia. Diante disso estudantes, ocuparam a reitoria e entraram em contato com a UNEEF (União dos Estudantes Franceses) essa revolta se espalhou por todo o país. Coloca-se a questão de que mesmo inserida na onda mundial de revoltas, o que tinha de específico na França que fez o movimento atingir tamanha proporção? Segundo Groppo, no caso da França:

A ascensão do General de Gaulle em 1958, da qual o poder executivo pareceu sair exageradamente fortalecido em torno de um regime personalista; a traumática solução das questões coloniais francesas, com o fim da Guerra da Argélia e uma passiva posição em relação ao início da Guerra do Vietnã; o avanço de outro bastião do poder político e social na França, o Partido Comunista Francês (PCF), que preparava junto às demais forças da esquerda tradicional a conquista do poder nas eleições de 1972. Maio de 68 vinha dar cabo de uma situação política que parecia estagnada: um imenso vazio entre os extremos do gaullismo e o poderoso PCF, duas máquinas políticas burocráticas nas quais, como dariam a entender os jovens em 1968, pareciam girar em falso as propostas da verdadeira renovação social. (2001, p.519)

Assim, identificamos no período de crise a dificuldade de uma direita que está no poder em controlar a crise que está acima de qualquer Estado Nacional, uma crise do

capitalismo que tem efeitos na sociedade como um todo e abre espaço para reivindicações de grupos marginalizados e, da própria classe operária.

Diante deste quadro em que setores conservadores se encontram no poder e a crise se apresenta, é razoável pensar que deste fato os partidos de esquerda se apresentem como uma alternativa de gestão do Estado. Porém, os partidos de esquerda em suas várias correntes (Trotskistas, Stalinistas, etc.) podem ser sintetizados em duas correntes principais: os bolchevistas e os socialdemocratas.

Os partidos bolcheviques, que pesem suas várias denominações, em essencial defendem, segundo Tragtenberg (2007, 2008), que a revolução é tarefa que deve ser executada pela vanguarda, esta poderá conduzir o proletariado para o comunismo. Isso foi o que ocorreu na Revolução Russa. Se a revolução de fevereiro foi espontânea, realizada pelos soviets, então a de outubro foi burocrática, quando Lênin e seus partidários tomam o poder do Estado e implantam um modelo de capitalismo estatal.

A consolidação da revolução na Rússia, fez com que o Partido Comunista Russo exportasse esse modelo através do Comintern (HOBBSAWN, 1998b), que tinha como propósito a difusão do comunismo e a união dos partidos comunistas de vários países. Consequentemente, temos uma unificação do discurso e das práticas de todos os partidos comunistas espalhados por diversos países.

As mudanças pelas quais a Rússia revolucionária passou durante sua existência refletiu na forma de atuação dos partidos no mundo; desta forma, durante o governo de Stalin, seu modelo foi seguido. Mas quando este falece, começou-se a excomungar o stalinismo alegando que este tornara a Rússia uma ditadura. É neste momento que temos a ascensão de grupos que dentro do leninismo que fazem a crítica ao stalinismo, embora segundo Viana (2007) estes não apresentam diferenças essenciais e, no fundo defendem a mesma ideologia.

Outro fator a ser mencionado é o papel do sindicato, no caso a CGT, Central Geral dos Trabalhadores. Pannekoek (2007) coloca que os sindicatos, na sociedade capitalista, se transformaram em grandes máquinas burocráticas que tem por objetivo controlar a classe trabalhadora e assim garantir a manutenção desta. Se no século XIX os sindicatos surgiram como representantes dos trabalhadores diante dos capitalistas, com o processo

de burocratização estes se tornaram órgãos do capital, entre os trabalhadores e os patrões, logo susceptíveis de serem corrompidos para atender aos interesses dos segundos.

No século XX, o Estado passou a regular a ação sindical, permitindo apenas aos legalizados participarem das negociações com os patrões. Desta forma, os sindicatos contribuem para a manutenção do sistema. Fato evidente no caso do maio de 1968, segundo Alain Bihl (2012), comprometidos com o compromisso fordista, os sindicatos buscavam a manutenção de um modelo que se encontrava em crise e que anunciava a passagem para um novo regime de acumulação, o Integral, que se baseia na intensificação da exploração dos trabalhadores tanto nos países do bloco imperialista como subordinado.

A socialdemocracia, que abertamente defende a tese de que os trabalhadores devem conquistar o poder pela via democrática, além de ter renunciado claramente a qualquer perspectiva revolucionária, fazia parte do acordo no qual o Estado Integracionista foi implementado.

Desta forma, as principais lideranças da esquerda institucionalizada estavam comprometidos com objetivos particulares e no momento em que o movimento eclodiu tentaram num primeiro momento ignorar o movimento, e depois tentavam separar os trabalhadores dos estudantes (SOLIDITARY, 2008) tentando evitar que as ideias libertárias que traziam consigo a autogestão, o anarquismo e temas que confrontavam com a perspectiva leninista. Para o partido, o importante era canalizar o movimento para conseguir seus objetivos eleitorais, mesmo que ao custo do refluxo do movimento e sua consequente dissolução. Segundo Groppo:

Na França, os aguerridos estudantes da rebelião de maio de 1968 foram obrigados a assistir ao conluio entre a amolecida CGT e o PC, que passaram a agir como órgãos de confiança do presidente de Gaulle na manutenção de um governo responsável e ordeiro. Se os estudantes rebeldes marcham aos milhares para as barricadas, seus pais cautelosos marcham às dezenas de milhares em defesa do *status quo* e votam aos milhões pela manutenção da elite gerencial... Até mesmo os operários, que engrossam aos milhões as fileiras dos estudantes durante as primeiras fases da Greve Geral de maio de 1968, parecem haver chegado à conclusão de que a essência da revolução consiste num envelope de pagamento mais polpudo (2001, p. 527).

Diante desta junção entre setores conservadores e da esquerda institucionalizada iniciou-se uma massiva propaganda contra os estudantes. Pois era amplamente divulgado

que os estudantes eram anarquistas, baderneiros. Contudo, o que incomodava os sindicalistas eram as ideias libertárias, bem como práticas que defendiam a auto-organização dos trabalhadores e a espontaneidade de suas ações, sem a mediação do sindicato. O exemplo que citamos é o do caso da marcha até a fábrica da Renault quando os estudantes encontraram os portões da fábrica fechados por determinação do sindicato (SOLIDARITY, 2008).

O movimento na França coloca duas questões a serem debatidas, a oposição entre o anarquismo e o marxismo e o conflito de gerações onde os adultos preferiram um aumento de salário a uma transformação social.

Hobsbawm (1998b), Groppo (2005) colocam que o maio de 68 teve características de um movimento anarquista e que este se opõe ao marxismo. Tanto o marxismo quanto o anarquismo vêm da tradição libertária. Para Luiz Pilla Vares (1986) ambos partilham do desejo de libertar o homem da exploração, destruir os mecanismos que alicerçam a dominação. No entanto, existem diferenças e estas colocam o anarquismo como uma corrente mais ativista que o marxismo devido à reflexão teórica do último. Marx no Manifesto Comunista colocava que o proletariado deveria conquistar o poder, tomar da burguesia e instituir a ditadura dos trabalhadores. Depois da Comuna de Paris, em 1871, Marx (2011) reviu suas teses e chegou à conclusão de que o objetivo da classe trabalhadora era destruir o Estado e fundar um autogoverno dos produtores. Contudo existia corrente dentro do marxismo que defendiam a tomada do poder pela via eleitoral, a socialdemocracia começava a surgir no período e o debate com os anarquistas se acirrou.

Os anarquistas por seu lado, eram antiestatistas, e sua ação não era precedida de uma reflexão teórica, Vares (1986) coloca que Phoudhon defendia o ativismo, embora tivesse proximidade com Marx, tinha dificuldade em compreender o materialismo histórico o que gerou críticas por isso. Outro grande autor influente dentro do anarquismo, Bakunin, concordava com as teses do materialismo histórico porém divergia de Marx, pois acreditava que a organização dos trabalhadores deveriam ser em sociedades secretas (VARES, 1986). Além disso, Bakunin não se dedicava a produção teórica, seus textos publicados são fragmentos que foram reunidos, cartas, pequenos panfletos, que depois foram publicados como livros e, dessa polêmica nasceu o antagonismo entre o marxismo e o anarquismo. Segundo Bakunin:

Detesto o comunismo porque trata-se da negação da liberdade e eu não posso conceber nada humano sem a liberdade. Não sou comunista ainda porque o comunismo concentra e absorve todas as forças da sociedade nas mãos do Estado, enquanto eu quero a abolição do Estado. (BAKUNIN, apud VERAS, 1986, p.39)

Assim se estabeleceu uma polêmica entre o anarquismo, supostamente mais radical, e o marxismo. Contudo, essa polêmica não dizia respeito ao marxismo autêntico e sim suas deformações mais conhecida como o bolchevismo e a socialdemocracia. Quando no maio de 1968, Hobsbawm fala que esse movimento teve uma característica anarquista, o filiado do Partido Comunista Inglês estava querendo dizer que o marxismo era o que ele defendia, ou seja, o marxismo leninismo uma deformação no final das contas. Nem mesmo se deu ao trabalho de investigar onde os movimentos de 1968 tinham buscado inspiração, não só no anarquismo, no marxismo, em autores que defendiam autogestão e criticavam o burocratismo do bolchevismo e da socialdemocracia, como Pannekoek e Korsch.

Outra questão que se coloca foi que o maio de 1968 foi um confronto de gerações. Isso impõe a discutir o que vem a ser uma geração e o que as define e que finalmente as coloca em oposição. Segundo Mannheim, uma geração é determinada pelo modo como certos modelos de experiência e pensamento tendem a ser trazidos à existência pelos dados naturais da transição de uma geração para outra (MANNHEIM, apud VIANA, 2012, p.58). Uma geração compartilhando das mesmas experiências tende a criar o que Viana denomina de gerações uniformizadas. Porém, o que determina uma geração segundo Viana é o processo histórico do capitalismo.

A cada regime de acumulação há a tendência a existir uma geração uniformizada hegemônica nas quatro gerações etárias coexistentes (crianças, jovens, adultos, idosos). Obviamente que a existência de uma geração uniformizada hegemônica implica na existência de outras, não hegemônicas, com maior ou menor importância dependendo do regime de acumulação, das lutas sociais, etc. (VIANA, 2012, p. 61)

Considerações Finais

O conflito de 1968 é um sintoma da crise do regime de acumulação, os jovens se rebelavam contra a sociedade capitalista que, em crise, já não lhes garantia uma inserção no mercado de trabalho e um nível de renda. Ao contrário dos pais desses jovens, uma

geração que viveu num regime de acumulação que estava em crise e que até então tinha proporcionado um aumento de renda para a classe trabalhador em geral.

O movimento no início, era ação de estudantes, e estava focado em questões estudantis como a reforma da Universidade e suas estrutura conservadora. Com o desenrolar do movimento ele foi se generalizando, atingindo trabalhadores e só no final é que houve recuo e novo isolamento, fruto da ação do PCF e CGT no sentido de separar os estudantes dos trabalhadores com o intuito de isolar os primeiros e conter os ímpetus revolucionários dos segundos (SOLIDARDY, 2008). Por fim o próprio movimento de estudantes estava em refluxo. Some-se o fato do PCF ter conseguido derrotar De Gaulle no referendo de 1969 (GROPPO, 2001), os aumentos salariais que foram concedidos aos operários, estes que participaram nas manifestações, contudo devido à influência de partidos e sindicatos, demonstrar claramente que existia uma cisão entre a base e as organizações oficiais, e a perspectiva de vantagens oferecidos pelo governo, optaram por aceitar um acordo, embora experiências autogestionárias tenham sido postas em prática.

Referências

DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EAGLETON, T. *A Ideia de Cultura*. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. *As Ilusões do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Depois da Teoria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GROPPO, L.A. *Juventude*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

_____. *Autogestão, Universidade e Movimento Estudantil*. São Paulo: Autores Associados: 2006.

_____. *Uma Onda Mundial de Revoltas*. Tese de Doutorado: Unicamp, 2001.

HOBBSAWM, E. J. *A Era dos Impérios*. São Paulo: Paz e Terra: 1998a.

_____, E. J. *Era dos Extremos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998b.

INTERNACIONAL SITUACIONISTA. *Situacionista*. São Paulo: Conrad, 2002.

LAPASSADE, J. *A Entrada na Vida*. Porto: Edições 70, 1974.

- LUDD, N. *Apocalipse Motorizado*. São Paulo: Conrad, 2003.
- _____. *A Urgência das Ruas*. São Paulo: Conrad, 2002.
- MARCUSE, H. *Contrarrevolução e Revolta*. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- MATTICK, P. Karl Kautsky: de Marx a Hitler. In: *Karl Kautsky e o Marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988.
- PANNEKOEK, A. *A Revolução dos Trabalhadores*. Rio de Janeiro: Barba Ruiva, 2007.
- ROSZACK, T. *A Contracultura*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- ROUSSELET, J. *A Alergia ao Trabalho*. Lisboa: Edições 70, 1974.
- SOLIDARITY. *Paris: Maio de 1968*. São Paulo: Conrad, 2008.
- TRAGTENBERG, M. *Reflexões Sobre o Socialismo*. São Paulo: Unesp, 2006.
- _____. *A Revolução Russa*. São Paulo: Unesp, 2007.
- VARES, L. P. *O Anarquismo*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1986.
- VIANA, N. *A Consciência da História*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.
- _____. *Breve História do Neoliberalismo*. In Revista *Enfrentamento*, Número 5, jul./dez. 2008a. Disponível em <http://enfrentamento.net/enfo5.pdf>.
- _____. *Breve Reflexão Sobre o Movimento Antiglobalização*. In *Pensamento Heterodoxo. Caderno de Provocações*. Pp. 45-47, 2008b.
- _____. *Cérebro e Ideologia*. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.
- _____. *Estado, Democracia e Cidadania*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2003.
- _____. *Introdução à Sociologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- _____. *Juventude, Contestação, Autogestão*. Goiânia: II Simpósio de Ciências Sociais, 2012.
- _____. *Juventude, Trabalho e Autogestão Social*, In *Ciências Humanas Revista da Estácio de Sá*. Goiânia, 2012.
- _____. *N. O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.

_____. *Regime de Acumulação, Gerações e Juventude*. In Revista Espaço Acadêmico, Número 129, Fevereiro de 2012. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/584>.